

ESCRITA FEMININA E AUTORREPRESENTAÇÃO EM JANE EYRE, DE CHARLOTTE**BRONTË FEMALE WRITING AND SELF-REPRESENTATION IN JANE EYRE, BY
CHARLOTTE BRONTË**Carmelinda Carla Carvalho e Silva¹

RESUMO: Este trabalho aborda a obra *Jane Eyre*, da escritora Charlotte Brontë, buscando demonstrar como a escritora incluiu em sua narrativa temas da época vitoriana carregados de críticas sociais, envolvendo a condição da mulher. A narrativa é focada no público feminino, com personagens que desejam fortemente a liberdade. Na obra, o sofrimento, a angústia e outros sentimentos silenciados das mulheres são trazidos à tona. O artigo objetiva trazer uma análise do romance, com o foco no caráter inovador da escrita de Brontë, que, de maneira autorrepresentativa, concede às personagens femininas personalidades ousadas e fortes, além de criticar a função da mulher na sociedade do período em que a obra foi produzida.

PALAVRAS-CHAVE: Autorrepresentação. Escrita feminina. Jane Eyre. Charlotte Brontë.

ABSTRACT: This work addresses a work by Jane Eyre, by the writer Charlotte Brontë, seeking to demonstrate how the writer includes her narrative themes from the Victorian era loaded with social criticisms involving the condition of women. The narrative is focused on the female audience, with characters who strongly use freedom. In the work, in suffering, in anguish and in other silenced feelings of women are brought up. The objective article brings an analysis of the novel, focusing on the innovative character of Brontë's writing, which self-representative way gives female characters bold and strong personalities, in addition to criticizing the role of women in the society of the period in which the work was selected.

KEYWORDS: Self-representation. Female writing. Jane Eyre. Charlotte Brontë.

¹ Mestranda no Programa de pós-graduação em Letras, pela UESPI.

INTRODUÇÃO

Ao se estudar a vida, bem como a obra da escritora inglesa Charlotte Brontë, aparecem algumas curiosidades acerca de como ela e suas irmãs, escritoras também, Emily e Anne, conseguiram tanta inspiração para escrever obras que são bastante aclamadas e usadas como referências na literatura até a atualidade, haja vista que o período no qual elas viveram foi um momento de sérias críticas à literatura feminina.

Em meio a um período no qual as mulheres eram visualizadas como meras acompanhantes nos salões e/ou como governantas e domésticas, Brontë incluiu na sua escrita uma espécie de narrativa focada no público feminino, utilizando personagens que desejavam muito a liberdade; uma maneira de apresentar para o mundo a visão feminina, o sofrimento e a angústia silenciados das mulheres e, sobretudo, das esposas.

A situação das mulheres na sociedade foi sempre algo complexo. Há bastante tempo as mulheres recebem tratamento desigual quando comparado aos homens e ocupam uma posição de rebaixamento na sociedade. Tal problema foi parte integrante também da época vitoriana, na qual Charlotte Brontë, escreveu o romance *Jane Eyre*. Esta obra impactou consideravelmente mediante a sociedade, tendo em vista que pôs este assunto tão polêmico em foco. Tal obra fundamenta-se na vida de Jane, que era uma jovem independente e com um grande espírito feminista que se vê diante de várias dificuldades para somente depois chegar ao seu destino, o de mulher independente.

Charlotte Brontë, que nasceu no dia 21 de abril de 1816, na cidade de Thornton, Yorkshire, na região norte da Inglaterra - juntamente com as suas irmãs, Emily e Anne, constitui uma autora que se consagrou no período vitoriano. Ela é reconhecida especialmente por seus romances, apesar de ter tentado, preliminarmente, adentrar o universo literário através da poesia, não conseguindo êxito nessa empreitada.

Charlotte, no ano de 1846, tomou iniciativas com vistas a publicar

seus poemas, em conjunto com os de Anne e de Emily, utilizando os pseudônimos de Currer, Acton Bell e Ellis, respectivamente, porém somente duas cópias foram vendidas. Entretanto, em 1847, *Jane Eyre* foi publicado e passou a ser, de forma célere, grande sucesso de crítica e de público, constituindo-se a obra responsável pela inclusão de seu nome na história da literatura do Ocidente.

Antes de morrer no ano de 1855, com somente 38 anos de idade, Charlotte Brontë deu ainda ao público as obras *Shirley* em 1848 e *Villette* em 1853. *The Professor*, apesar de escrito antes de *Jane Eyre*, foi publicado em 1857, postumamente.

Jane Eyre trata-se de um romance autobiográfico no qual a narradora conta a sua trajetória formativa, desde os 10 anos de idade até os seus, em média, 28 anos de idade, quando já se tratava de uma mulher adulta, casada há uma década com Rochester e mãe de seus filhos. A obra enquadrava-se no que a tradição literária denominou de Bildungsroman, uma espécie de romance que discorre sobre o processo de desenvolvimento do/a protagonista, seja moral, físico ou psicológico, englobando desde sua infância até a fase adulta.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CARACTERIZAÇÃO DA ESCRITA DE AUTORIA DE MULHERES

Antes que as mulheres pudessem vir a escrever acerca de determinados assuntos, elas necessitaram se deparar com questões associadas às funções sociais. No período vitoriano, as mulheres não possuíam visibilidade, sobretudo para a escrita. O público feminino era direcionado a cuidar dos filhos e do lar, e quando elas laboravam, seus trabalhos eram focados na seara doméstica, na condição de tutora, governanta ou enfermeira.

Conforme Dulong (1991), para que a mulher escrevesse, ela necessitava, de início, desenvolver a conversação para aperfeiçoar seu conhecimento, desde o salão até as reuniões com os familiares, porém, ela

não possuía completa liberdade para se expressar. Conforme este mesmo autor, o hábito dos indivíduos de se reunirem em rodas de conversas, sobremaneira os de classe média alta, não se perdera e constituiu uma marca da Europa entre os séculos XVI e XVIII.

As princesas, por sua vez, que sabiam escrever e ler organizavam esta espécie de cultura, juntamente com as rainhas. Na Inglaterra, as famílias possuíam o costume de organizar tais reuniões, que ocorriam nos salões sempre após o jantar. Portanto, as mulheres deixavam os homens sozinhos para que se sentissem livres para conversar acerca de vários assuntos. Após algumas horas, elas voltavam aos salões para acompanhar os homens. Dessa maneira, as mulheres começaram a se entreter nos salões. As rodas de conversas entre vários indivíduos passaram a ser mais interessantes do que somente estar frente a frente com um homem. Na visão de Dulong (1991), no decorrer da Revolução Industrial, das mulheres que residiam em grandes cidades, somente metade delas sabia assinar o seu próprio nome e 1/3 das que sabiam foi conhecendo paulatinamente a escrita e a leitura, se incluindo gradativamente na elite.

Com a inclusão nesta categoria, as mulheres começaram a estimular as outras a buscarem seus direitos e analisarem as condições que vivenciavam. Os salões serviram, portanto, como instrumentos pedagógicos, tanto para que a minoria aprendesse delas e se desenvolvesse na conservação, quanto para que elas visualizassem as condições precárias nas quais estão imersas. Dessa maneira, as rodas de conversas passaram a ser uma espécie de moda para a classe burguesa que estava financeiramente ascendendo, colaborando com o aparecimento de uma linguagem bela, mais aperfeiçoada e desenvolvida (DULONG, 1991).

Por meio das mulheres, o público leitor feminino começou a ter força e foi se expandindo. Para Watt (2010), as mulheres de classe alta ou média e que dispunham de bens materiais e de dinheiro possuíam mais tempo livre para participarem das discussões acerca de negócios, administração e política. Dessa maneira, elas encarregavam as empregadas e governantas do trabalho doméstico e se dedicavam apenas à leitura.

As mulheres protestantes conseguiram vantagens sobre as outras. Isso porque algumas eram filhas de pais que estavam incluídas no âmbito da igreja. Eles, por sua vez, tinham conhecimento das línguas antigas e tinham um acervo de livros, que servia como fonte de pesquisa para as mulheres, apesar de ser proibido. A população da religião protestante tinha três vezes mais bibliotecas particulares do que os as pessoas da religião católica.

Assim, a Inglaterra anglicana proporcionava conteúdo para as discussões. Conforme Woolf (2014), na história houve sempre períodos nos quais as mulheres eram silenciadas, porém elas deixaram de ser somente leitoras e passaram a escrever.

Todavia, a escrita dessas mulheres versava sobre o que elas possuíam de conteúdo, ou o que lhes era admitido escrever, isto é, uma escrita direcionada para as questões morais, como por exemplo, os manuais, que versavam acerca de educação das filhas e concediam dicas referente a comportamento e moralidade para serem lecionados para as outras mulheres.

Portanto, a escrita das mulheres era privada e tinha várias informações de cunho pessoal. Dulong (1991) crê que várias obras com grande potencial foram queimadas ou perdidas em razão da timidez de quem as recebia, ou inclusive dos editores, porventura porque tais obras ou cartas versavam, de forma explícita, das memórias das mulheres ou dos anseios íntimos de quem as enviou.

No século XIX, o romance ficcional concedeu às mulheres, especialmente as que já faziam uso desse gênero, a questionarem o poder que os homens executavam sobre elas, contarem as suas próprias histórias e serem admitidas pelo público.

Segundo Gilbert e Gubar (1984, p. 86), -o lápis - em inglês - simboliza o pênis, enquanto ferramenta essencialmente masculina e inapropriada e estranha às mulheres escritoras, um caso que poderia explicar a dificuldade que as escritoras achavam no âmbito da escrita, insurgindo o medo de se incluírem no mundo editorial masculino.

Vale frisar que suas dificuldades não estavam somente atreladas ao medo, porém aos próprios costumes e direitos que rodeavam o mundo

masculino, concedendo-lhes plenos poderes. Dentro desse cenário, tem que se pontuar que os paradigmas empregados para a avaliação das obras de autoria de mulheres eram ditados pelos críticos do gênero masculino. Na obra *O Cânone Literário e a autoria de mulher*, Duarte (1997) entende que as escritoras foram excluídas por esses padrões.

Segundo Duarte (1997) por causa de tudo isso, entende-se o porquê de raramente se encontrar um nome feminino antes da década de 40, quando se examina manuais de literatura e antologias mais conhecidas. É essencialmente porque se tem consciência dessa situação e pretende-se rever a participação da figura feminina nas letras nacionais, que se realiza todo este trabalho de recuperação de autores, fazendo o reexame de seus textos e indagando acerca do cânone literário (DUARTE, 1997).

Os textos produzidos pelas mulheres, portanto, eram vistos por meio da visão masculina na condição de literatura de gênero. A espécie de público que recebia essas obras exercia também pressão sobre as escritoras, levando em consideração que esse público, na sua maior parte, era formado por homens que ao identificá-las como sendo de autoria de mulheres, as qualificavam como sendo desprovido de beleza e, portanto, não dignas de circular no mercado literário.

A mulher na sua escrita não precisava de muito, somente caneta e papel, e a desvinculação das concepções de boa moça, ou mesmo de -anjo do lar, que tinham o costume de atrapalhar a sua produção. Segundo Woolf (2014), tal epíteto de -anjoll era algo presente no ato da escrita: a mulher mantinha-se ocupada escrevendo ao invés de está executando alguma tarefa doméstica. Portanto, para que ela não padecesse desse tormento do-anjoll, seria preciso se desvincular dessas concepções para que ela viesse a produzir com mais qualidade.

Para que fossem esquecidas as ideias, as obras de autoria feminina foram paulatinamente abordando assuntos como relações humanas, sexo e questões morais, a mulher finalmente passou a se achar com seus pensamentos. Sendo assim, no século XIX, a escrita feminina teve um lento crescimento. O gênero romance constituía quase uma exclusividade da escrita

de autoria masculina, em razão do homem ser o detentor de conhecimento e poder, todavia, as mulheres que escreviam romances foram se incluindo pausadamente nesse gênero. Para Woolf (2014) a mulher possuía um jeito singular de escrever ficção, possuía a facilidade de criar personagens e criar histórias com interessantes enredos, levando em conta que o romance exige talento, porém também não requer tanta concentração como o desenvolvimento de um poema, por exemplo,

Nesta hipótese, a escrita não constituiria o principal obstáculo, porém a publicação das obras e estas serem admitidas pelo público. Frente a isso, as mulheres adotaram a utilização de pseudônimos masculinos para que as suas obras pudessem ser devidamente lançadas no mercado, como por exemplo, Mary Ann Evans, que empregou o pseudônimo de George Eliot.

Dessa maneira, as mulheres se dividiam entre cuidar dos filhos e da casa e criar suas obras, haja vista que não lhes era permitido escolher entre o casamento e a literatura, e caso existisse renúncia ao casamento e às atividades domésticas, elas teriam que se preocuparem mais ainda com o seu sustento.

Portanto, os pseudônimos obtiveram força, tanto para conceder anonimato para as escritoras quanto para oportunizar às obras femininas uma visão crítica voltada não para a questão de gênero, porém para a qualidade dessas obras. Levando isso em consideração, as irmãs Brontë e outras escritoras como George Eliot, empregaram pseudônimos com a primeira letra dos seus nomes. Apesar disso, as editoras dificultavam a publicação dos seus trabalhos.

Seguindo a passos lentos, as mulheres foram conquistando seu próprio espaço e, no século XIX, o sucesso construído por elas na seara literária manifestou o trabalho árduo e o esforço que elas necessitaram desempenhar para provar o valor real da sua escrita.

As autoras que conseguiram alcançar o mercado de trabalho, após tantas batalhas, como na hipótese das irmãs Brontë, incluíram na literatura um estilo novo de escrita, uma maneira de se escrever romance, com construções de inovadoras personagens, formando uma ruptura dos padrões

literários masculinos.

A escrita feminina era algo ainda novo na literatura. Entretanto, com o andar da carruagem, ela foi oferecendo indício de progresso. Para Woolf (2014), nas obras escritas por mulheres é quase um padrão serem achadas críticas quanto às exigências e à opressão que o mercado editorial, bem como a sociedade as impunham. Portanto, na sua escrita as mulheres discorriam sobre seus direitos, sobre suas limitações e acerca das críticas que recebiam em relação às suas obras, pelo mero fato de serem escritas pelo público feminino e de não estarem, supostamente, com base nos padrões pré-existentes.

A literatura realizada por mulheres atualmente constitui um campo de estudo que investiga desde o século no qual ela começou a ser escrita até o público ao qual ela foi destinada, as críticas sofridas pelas obras bem como os entraves encontrados no decorrer e após suas publicações.

Nessa literatura, a mulher procura criar a sua identidade por intermédio de sua visão e não baseada no discurso masculino, que faz uso de sua influência para difundir opiniões acerca do universo feminino. Sendo assim, a literatura feminina é considerada como uma categoria, que traz à pauta estruturas e temas distintos daquela até então redigida por homens, que disseminavam um discurso discriminador em relação às angústias das mulheres.

Nesta hipótese pode-se notar que a literatura feminina manifesta uma espécie de escrita focada no seu dia-a-dia. Conforme Xavier (1991), as literaturas escritas pelos dois gêneros se distinguem em diversos aspectos, tais quais: primeiramente porque as mulheres fazem uso da literatura para a problematização das condições não favoráveis nas quais estavam incluídas; em segundo lugar, porque a escrita feminina possuía a essência de popularizar os questionamentos das mulheres. Diante disso, os homens não poderiam escreverem igual nível das mulheres, tendo em vista que eles, mesmo falando de questões sociais, não sentiam na pele a opressão nem a limitação que as mulheres sentiam.

Destarte, a escrita feminina ia gradualmente conquistando espaço,

ao tempo que apresentava questionamentos referentes ao aprisionamento da mulher a questões de cunho doméstico e sua exclusão da sociedade. Ninguém melhor do que as próprias mulheres para a transcrição para o papel da repressão que eram vítimas em razão dos ideais patriarcais, o sentimento que sentiam devido ao fato de não possuírem a chance de escolher ou não pelo casamento e dependerem por toda a vida de terceiros para sobreviver. Isso porque tudo o que lhes lecionaram servia somente para o trabalho doméstico e, quando conseguiam um emprego, ele era mal remunerado.

As mulheres escritoras que se sentiam confortáveis com a escrita, na sua maior parte tinha que optar por escrever após os cuidados com os filhos e com a casa estivessem finalizados, ou simplesmente não escrever. Suas ideias e obras em muitos casos foram condenadas ao esquecimento, em razão de constituírem de críticas ao estilo de vida ao qual eram submissas. A escrita feminina, mesmo que fosse bem construída, não era levada a sério, haja vista que a mulher estava predestinada a viver em uma sociedade na qual os ideais do patriarcalismo eram dominantes.

O romance em estudo, mesmo estando incluído no período vitoriano e manifestar as características desse momento da história literária inglesa, é notadamente influenciado pela estética romântica, sobretudo no que tange à mesclagem de gêneros. Isso porque quanto a ser uma narrativa, apresentava consideráveis instâncias dramáticas.

Existe uma dificuldade na classificação do romance em questão, pois ele possui características da literatura gótica como presságios, eventos inexplicáveis ou sobrenaturais e uma atmosfera de mistério. A obra tem ainda características do Romantismo como o amor proibido, dúvidas referentes ao amor correspondido, entraves amorosos e personagem byroniana. E, conforme Lima (2008), *Jane Eyre*, pode ser tido como um romance dramático. Afinal:

(...) não podemos deixar de afirmar que *Jane Eyre* é um romance dramático trágico. Isto é ainda mais evidente se pensarmos nos elementos definidores de um romance dramático, de acordo com a proposta de Muir. O cenário, constituído por algumas poucas localidades, porém bem definidas (Gateshead Hall, Lowood School, Thornfield Hall, Moor House, Ferndean), é estratégico para a atuação de paixões humanas universais - amor, raiva, amizade,

honra, vergonha, culpa, orgulho, ambição, entre outras. (LIMA, 2008, p. 201 - 202).

Em um tempo em que a literatura era limitada aos homens e as mulheres eram proibidas de possuir uma vida profissional, muito menos ter independência, Charlotte Brontë publica uma obra repleta de questões polêmicas. O feminismo, por exemplo, constitui umas das matérias principais em *Jane Eyre*.

A autora inova na literatura de seu tempo ao conceder vida a personagens femininas tão ousadas e fortes, personagens masculinos em muitos casos dependentes e fracos, além de realizar críticas à função da mulher na sociedade daquele período, haja vista que segundo Rocha (2008) as enfatizar de forma tão explícita e direta o embate existente de forças entre os ideais do masculino e especialmente do feminino, Charlotte Brontë propicia que o paralelismo que vigorava no século XIX entre gênero e sexo e a crença numa suposta essência do feminino capaz de explicar uma postura submissa da mulher sejam não somente analisados, como ainda questionados em alguns dos seus pressupostos fundamentais.

Ciente da época na qual foi publicado bem como da situação do sexo feminino é de fácil compreensão a razão de tamanho escândalo entre os leitores da obra aqui analisada. *Jane Eyre* realiza diversas críticas à sociedade patriarcal que deprecia a mulher a uma posição de submissão. Fora isso, Brontë insere temas complexos como distinções entre religião e classes sociais. segundo Marcos Santarrita, a aludida obra é:

(...) uma narrativa simples, direta – a história de uma jovem órfã pobre e nada bonita (como a própria Charlotte, que por pouco não chegava a serfeia), e sua luta em busca de afirmação e dignidade, numa época - a vitoriana
– e num país - a Inglaterra de até hoje – onde o sentimento de classe se ergue como uma barreira imposta não apenas de cima para baixo, mas também de baixo para cima. (SANTARRITA, 1983).

Diversas personagens em *Jane Eyre* possuem elementos feministas. Algumas delas são decididas, fortes, independentes e ousadas. Por outro lado, outras são o oposto do que apregoa o feminismo, haja vista que expressam um caráter de submissão e fútil. E existem aquelas que mesmo sendo homens

têm determinadas características ou assumem atitudes que contradizem ou exaltam o feminismo.

Jane Eyre consiste numa personagem redonda. Isso porque inicia de uma certamaneira e sofre múltiplas alterações no decorrer da obra. Durante as suas aprovações acaba sofrendo muito e aprende com este sofrimento, adquirindo dessa maneira uma certa experiência, passando a ser uma pessoa diferente. Jane é visualizada com os olhos pelos outros como frágil, sem beleza e sem graça. Sua fragilidade confirma-se externamente, mas não internamente, uma vez que ela tem o domínio da situação e faz com que a maior parte das pessoas com quem possui contato passem a ser dependentes dela, como é o caso de Rochester e de St. John Rivers.

No seu relacionamento com Rochester Jane decide a todo momento como será sua relação com ele. Percebe-se no passar do romance entre os dois, que Jane decide que se casarão, posteriormente decide que não se casarão naquelas condições e o abandona. Quando acha por bem, volta para ele, que está ainda a esperando.

O mesmo ocorre com St. John Rivers. Jane o faz sentir-se dependente de sua companhia e de seu trabalho a ponto de ele precisar dela para dá seguimento á sua missão. Mais à frente é ela quem decide que não irá acompanhá-lo.

Sem contar os conflitos externos, Jane ainda sofre um conflito interno. Isso porque dentro dela há duas Janes totalmente distintas. Em primeiro plano, há a Jane fraca, que tende a aceitar o que lhe é imposto a todo instante e que aceita tudo com bastante paciência como se merecesse realmente isso.

Em contrapartida, há a Jane forte, que luta fazendo uso de todas as suas forças em prol de seus ideais e de seus princípios, rejeitando sempre a vontade alheia e seguindo seus desejos sempre. Portanto, Jane vive uma permanente luta com ela mesma. Quanto à questão da linguagem utilizada pela autora, pode-se perceber facilmente a repetição de determinados termos no decorrer de toda a obra. Pode-se citar como exemplo a palavra -fadall repetida diversas vezes, tanto por outros personagens como pela

própria Jane.

Jane utiliza tal palavra ao dizer: -uma fada bondosa, em minha ausência, certamente jogara-me a sugestão necessária no travesseiro, isto é, não era uma pessoa real, porém sim uma figura boa do além que, conforme ela, a tinha auxiliado a encontrar uma solução para o seu problema. Ela ainda faz alusão à Georgiana, prima de Jane, ao falar -a menina esguia e parecendo uma fada, de onze anos além de tornar a repetir este termo ao descrever uma sala de Thornfield Hall como -um local de fadas, tão luminoso, a meus olhos de noviça, pareceu o ambiente além. Já Rochester utiliza várias vezes esse mesmo termo -fada, mas sempre fazendo referência à Jane.

A primeira vez na qual a vê a compara com uma fada, haja vista que crê que ela tenha enfeitiçado o seu cavalo. Pode-se mencionar também como exemplo quando diz a ela que -já que é uma fada... não pode me dar um feitiço, um filtro, ou alguma coisa desse tipo, para tornar-me um homem bonito. Mais à frente, Rochester volta a compará-la com uma fada ao falar -encherei de anéis esses dedos de fada.

Interessante citar outra cena bem interessante quanto ao uso do termo -fada, que é quando Rochester e Jane contam uma história, em formato de conto de fadas, à Adèle. Esta história, na qual Jane é posta como uma fada mais uma vez.

Sendo assim, pode-se compreender que o referido termo é demasiadamente relevante para dar formato à personalidade de Jane, em razão de que o significado do mesmo, conforme o dicionário Aurélio (2013), é -ser imaginário representado numa mulher dotada de poder sobrenatural ou -mulher notável pela graça, espírito, bondade e beleza.

Levando em conta a figura de Jane, é possível descrevê-la com todos estes significados mencionados acima, com exceção do quesito beleza. Dessa maneira, pode-se concluir que Jane, visualizada pelos olhos de Rochester, é tida como um ser não real e com poderes sobrenaturais, sem contar que é uma pessoa que possui uma bondade cativante. Tal facilidade em cativar as pessoas tornando-as dependentes dela, mesmo ela não sendo rica nem bela,

é compreendida por Rochester como um poder sobrenatural.

Nos tempos da publicação da obra *Jane Eyre*, os críticos literários a tinham como uma provedora de grande impacto. Isso se explica que referida obra apresentava para a sociedade a vida das mulheres da época de uma maneira polêmica e clara. Jane, a protagonista do romance, constitui uma jovem que tem uma visão bem diferente do que é ser mulher. Ela tem uma essência feminista com capacidade de contornar várias situações em prol de conseguir sua liberdade na condição de mulher.

O romance em questão se adequa em múltiplas perspectivas, seja no gótico, repleto de mistérios e eventos sobrenaturais, ou no romantismo, com o amor proibido. Neste caso, Lima (2008) entende que *Jane Eyre* pode, com facilidade se encaixar como uma obra dramática, uma vez que não se pode deixar de dizer que se trata de um romance trágico e dramático. Isso é mais fácil de ser constatado quando se pensa nos elementos definidores de um romance dramático, conforme a proposta de Muir.

O cenário, formado por algumas escassas localidades, mas bem definidas, (Gateshead Hall, Lowood School, Thornfield Hall, Moor House, Ferndean), considera-se estratégico para a atuação de paixões humanas universais (raiva, honra, culpa, ambição, amor, amizade, culpa, vergonha, orgulho etc. (LIMA, 2008).

Portanto, a obra consiste na união de todo um aglomerado voltado para a representação dos sentimentos alusivos aos termos de convívio social. Dessa maneira, *Jane Eyre* chega ao público com diversas críticas acerca do sistema patriarcal e suas concepções de que a figura feminina estaria fadada à submissão bem como à sua condição de inferioridade quanto à figura masculina.

Charlotte Brontë tinha ciência da necessidade de permitir que a mulher fosse escutada, uma vez que o seu sofrimento estava atrelado à exclusão que sofria no meio educacional e social, e que a sua realidade em isolamento no lar fosse mostrada para o mundo. *Jane Eyre*, então, traz questões polêmicas como a divisão de papéis sociais e a religião, para manifestar alguns traços angustiantes aos quais o gênero feminino estava

ligado diariamente. Para Santarrita (1983), tal obra é:

(...) uma narrativa simples, direta – a história de uma jovem órfã pobre e nada bonita (como a própria Charlotte, que por pouco não chegava a serfeia), e sua luta em busca de afirmação e dignidade, numa época - a vitoriana – e num país - a Inglaterra de até hoje – onde o sentimento de classe se ergue como uma barreira imposta não apenas de cima para baixo, mastambém de baixo para cima. (SANTARRITA, 1983, p. 3)

No romance *Jane Eyre*, Brontë traz um enredo marcado pela ousadia e cheio de questionamentos que incomodaram os padrões da sociedade vitoriana. Isso justifica-se, segundo relatado no Capítulo I, não era admitido à figura feminina escrever literatura, nem ao menos indagar acerca da sua condição no meio social, uma vez que a escrita constituía uma atividade permitida apenas aos homens, haja vista que eles se consideravam dotados de inteligência para executarem esta atividade; as mulheres, por sua vez, deveriam se conformar com as atividades domésticas, não lhes sendo admitido nada mais que isso, nem mesmo a liberdade de opinar ou pensar.

Sendo assim, a mulher se limitou ao papel de procriar e perpetuar a família, estando sob a tutela do homem por ser tida como frágil e isto viabilizou ao homem o controle de tudo. A ele foi direcionado o poder de estar no centro da sociedade, tanto em razão da sua força física quanto pela instauração que os homens recebiam desde quando crianças; ele ocupava a condição de chefe da família, e a sociedade centralizou todo o poder social e econômico em suas mãos.

Já em volta da mulher foi criado um postulado de que as mesmas deveriam ser bem quistas pelo seu empenho nas tarefas do lar, pela aparência da casa e do esposo, pela educação da prole, que estavam sob sua total responsabilidade. As condições as quais as mulheres estavam submetidas eram de completa opressão. Mediante o poder patriarcal, elas viviam em meio a instruções e ordens que moldavam as suas ações, eram aprisionadas à vida no lar e seus direitos à educação e ao lazer eram negados.

A ordem patriarcal pregada que a mulher deveria ser distanciada de locais públicos, restringindo-se aos trabalhos domésticos, uma exclusão que

acaba dificultando a educação formal, uma vez que o seu acesso à sociedade era limitado. Portanto, a família centrada no patriarcalismo constituía a base sólida e central da sociedade, estabelecendo todas as funções de política, administração, economia e religião.

Os filhos do sexo masculino de classe média alta recebiam adequada educação para se tornarem no futuro senhores de negócios e donos de sua própria família e que deveriam sempre prosperar acima de qualquer problema, haja vista que o status social e o nome era o que mais tinha importância. Sendo assim, era preciso a união entre parentes, cada um com sua função bem delimitada, acompanhando em harmonia, com todos os bens familiares geridos pelo patriarca da família.

Segundo Hall (2006), a identidade social começou a declinar quando os papéis sociais novos começaram a se desenvolver. Tais identidades novas lançaram uma formulação nova que se choca com as ideias patriarcais. Para este autor, as mulheres do século XIX viviam em prol da família. Isso porque nada era mais relevante do que lavar e passar, cozinhar; a sociedade não admitia que tais mulheres executassem outro papel que não fosse aquele atrelado ao lar.

Referidos papéis eram cultivados desde bem cedo, perpetuando a noção da mulher esposa e mãe, com sua educação focada sobretudo no lar; elas precisavam aprender somente acosturar, bordar dentre outras tantas tarefas, pois eram vistas como incapazes de desenvolver as mesmas tarefas que os homens, ou que não tinham inteligência. Portanto, é em meio a estes conceitos que Brontë introduziu em *Jane Eyre* diversos personagens que seguem lado a lado com as concepções defendidas pela concepção feminista.

Alguns desses personagens, por sua vez, como é o caso de Jane, são fortes, têm consciência de sua capacidade e a utilizam com segurança; outros se manifestam de maneira oposta aos primeiros; tendem a acompanhar os postulados patriarcais e os princípios morais da Era Vitoriana; ainda há aqueles que expressam características morais em conformidade com as do sexo feminino. No decorrer de toda a obra é possível achar aspectos que remetem ao aprisionamento que o patriarcado impunha para as mulheres.

Preliminarmente, Jane manifesta o não contentamento com o estilo de vida da mulher, manifestando resistência, ainda na infância, a diversas regras impostas pelos adultos, sobretudo às ordens de sua tia má.

Sendo assim, Jane configura-se como a inquietação de Brontë quanto ao meio em que vivia, seja no seu jeito direto e audacioso de falar, seja na rebeldia que manifestava frente às ordens a sua tia. Portanto, a utilização da linguagem para Jane é de grande relevância, pois é por intermédio desse recurso que ela consegue protestar mediante a opressão que é vítima. No que tange à Lowwod, para onde foi enviada Jane para estudar, pode-se ainda ver a presença das ideias do patriarcalismo.

Charlotte Brontë foi uma das escritoras que procurou vencer o paradigma de que o meio literário era direcionado somente para o homem. Na sua vida, procurou conciliar o amor por escrever com os trabalhos domésticos, cuidando sempre do seu pai, de suas irmãs e do único irmão. Mediante a análise aqui realizada, pode-se notar as dificuldades achadas por Brontë, tanto no que se refere à sua vida pessoal quanto de escritora.

Percebe-se que era uma época em que a mulher era predestinada a cuidar das atividades domésticas e da família, e que qualquer matéria associada à produção literária feminina estava aquém de discussão. Para uma escritora tentar publicar seus escritos era necessário ousadia, coragem, pois a escrita de caráter feminino era tida como uma coisa desprezível, de última classe na concepção patriarcal.

Até que chegou um momento no qual as mulheres escritoras necessitaram utilizar pseudônimos para que seus escritos pudessem ser investigados de forma justa, e não sob a visão preconceituosa da sociedade machista.

Jane Eyre, obra objeto da presente análise, levanta questões do dia-a-dia da sociedade inglesa do século XIX, na qual Brontë realiza críticas a questões sociais que reprimam a figura feminina. Portanto, ao escrever tal romance, a autora apresenta, por meio de Jane, protagonista da história, as suas várias críticas à sociedade vitoriana e aos preceitos patriarcais de seu tempo. *Jane Eyre* expressa em determinados trechos da obra um certo ar de

tensão.

Em contrapartida, tem-se Jane, uma jovem inconformada com as atribuições designadas às mulheres, concomitantemente que expõe os ideais de moralidade do período vitoriano. Por outro lado, acha-se Bertha Mason com todo o seu teor polêmico, que em algumas vezes é tido como sombrio. Considerada como trancada num quarto pelo esposo e louca, foi negada a ela a possibilidade de falar e optar pelo seu destino se tornando dessa forma símbolo de aprisionamento da mulher ao casamento e ao lar.

Abre-se aqui uma lacuna para falar sobre Bertha Mason, que se trata de uma personagem que no decorrer de toda a obra não tem voz, sendo uma mulher silenciada. Contudo, ela assume a função de uma protagonista que expressa questões patriarcais e imperialistas no romance, questões estas que são impostas especialmente por Rochester e, de forma clara, mostradas por Jane na condição de narradora.

Tudo o que se sabe acerca de Betha é por meio de Jane, em primeiro plano. Já por Rochester e Richard Mason, a imagem que se possui de Betha é de uma mulher louca, que consiste numa tese sustentada mediante a sociedade. Os relatos dados por Jane quanto à Bertha inserem os seus ataques às suas crises neuróticas e ao marido. A maneira como Rochester descreve Bertha mostra a imagem de um monstro e constitui o ar sombrio na mansão. Quando Jane e os outros criados descobrem que ela existe, ela, além de prisioneira, passa a ser um obstáculo entre a união de Rochester e Jane.

Segundo Geason (1997) Bertha trata-se da parte mais difícil que Jane Eyre tem que enfrentar, haja vista que ela entra em conflito com os seus princípios, que não admitem que ela se case com alguém que já tem compromisso.

Segundo Felski (2003, p. 67), Bertha pode ser comparada a uma espécie de reflexo das mulheres daquele tempo. -A louca trancada no sótão era tanto um eco como uma paródia grotesca da mulher da classe média Vitoriana acorrentada pela feminilidade e presa nos limites sufocantes da sala de desenho.

Assim como Bertha, aprisionada por Rochester, outras mulheres da

época, presas também em seus domicílios, possuíam o mesmo sentimento de clausura. Em determinados pontos nos quais a sexualidade de Bertha passa a ser aparente dentro do romance, isso pode simbolizar a loucura que era também atribuída a ela, uma vez que a sexualidade se tratava de uma coisa reservada somente ao homem, podendo o mesmo gozar do prazer sexual sem limitações. Em contrapartida, a mulher tinha a obrigação de conter seus desejos. Isso porque caso ela pensasse em sexo estaria desobedecendo os padrões de moralidade; sexo para a figura feminina era realmente um tabu.

Na hipótese de Bertha, os desejos sexuais reprimidos colaboraram para a sua loucura, levando-se em conta a ausência de afeto e carinho de Rochester, haja vista que ela vive trancada num quarto; portanto, tais desejos são reprimidos. Conforme Raphael (1997), a sexualidade da mulher foi negada no tempo de Charlotte Brontë, ou visualizada como "louca" e "insaciável", e é dessa maneira que Rochester caracteriza Bertha Mason".

Quando foi produzida a obra, a sexualidade da mulher era uma coisa vinculada ao descontrole e à loucura, um pensamento compartilhado também por Rochester ao fazer referência as Bertha. Rochester faz a comparação entre Jane e Bertha realizando a identificação em cada uma delas de pontos diferentes que inferiorizam Bertha e enaltecem Jane Eyre. Segundo ele, Jane é doce, frágil e delicada, como já mencionado anteriormente, enquanto Bertha é robusta e selvagem. Todavia, as duas vivem numa sociedade cujos valores estão pré-definidos e para elas não existiam espaços.

Porém, distinta de Jane, Bertha expressa sua raiva em seus ataques a Rochester e a Richard na mansão. Em tais ataques é possível perceber o lado aprisionado e selvagem da personagem, chegando suas atitudes a serem comparadas as de um animal irracional.

Jane, num dos seus relatos acerca de Bertha, faz a descrição de que ela possui a aparência de um ser sobrenatural, ponto já citado aqui, o que seriam denominações distintas das que Rochester atribui a Jane.

Para ele, Jane Eyre trata-se de uma pessoa calma e delicada e Bertha, consistiria numa espécie de extensão de Jane, tendo em vista que ela, no meio da sua loucura, realiza o que Jane não pode realizar, devido às

imposições da sociedade.

Como defendem Gilbert e Gubar (1978, p. 61), -em um nível figurativo e psicológico é possível que o espectro de Bertha ainda seja outro - de fato, o mais ameaçador -o avatar de Jane. O que Bertha agora faz, por exemplo, é o que Jane quer fazerll.

Frente às descrições feitas por Jane referente a Bertha, o que é possível notar é que os primeiros relatos há a figuração de um fantasma ou de um animal. Nas primeiras descrições, sem ter conhecimento da existência de Bertha, Jane faz alusão à Grace Poole relatando acerca de suas gargalhadas assustadoras:

Assim ia, na ponta dos pés, quando souo aos meus ouvidos o último som que eu esperava ouvir naquele lugar: uma gargalhada distinta, absoluta e maquinal. Estanquei. O som cessou, por um instante. Mas recomeçou mais forte: porque a princípio, embora audível, era abafado. Passou numa rajada clamorosa, que parecia acordar os ecos de todos os quartos solitários. Apontei a porta de onde ela partia: - Senhora Fairfax - agora descendo as escadas. Ouviu uma gargalhada? Que é isso? - Talvez as criadas, e muito provavelmente Grace Poole - respondeu ela. - Ouviu? - perguntei novamente. - Perfeitamente! Tenho-a ouvido muitas vezes. Ela costura num destes quartos. Às vezes Leah lhe faz companhia; e as duas juntas sempre são barulhentas. A gargalhada repetiu-se no seu tom grave e metálico. E terminou num regougo arrastado. - Grace! - Exclamou a senhora Fairfax. Para falar a verdade não acreditei que nenhuma Grace respondesse porque a gargalhada me parecia trágica e transcendente. (BRONTË, 2008, p. 68)

Em primeiro lugar, Jane Eyre mostra-se amedrontada com as gargalhadas; depois fica atenta ao que acontece na casa, isso em razão de que em uma noite Bertha foi ao seu quarto e não conseguiu abrir a porta, daí voltou-se contra Rochester.

Era um riso demoníaco - baixo, estrangulado e profundo - gorgolejando, ao que parece, bem no buraco da fechadura do quarto. A cabeceira da cama ficava perto, e a princípio pensei que o fantasma-gargalhante estivesse ao meu lado, ou melhor: colado ao meu travesseiro; mas saltei, olhei em torno e não vi nada. E, de pé, estarecida, ouvi novamente as vibrações do som sobrenatural. Constatei que vinham através da porta. Meu primeiro impulso foi agarrar o ferrolho. O último foi de gritar de vez: - Quem está aí? Qualquer coisa casquinhou e gemeu. Passos deslocaram-se pelo corredor, em direção à escada do terceiro andar. Depois uma porta rangeu lá em cima. Ouvi-a abrir e fechar-se. E tudo emudeceu. - Terá sido Grace Poole? Estará endemonihada? - pensei. Já não

podia ficar ali sozinha: era preciso procurara senhora Fairfax. Corri a enfiar o vestido e o agasalho. Virei a chave, abri a porta com as mãos trêmulas. Na esteira da galeria vi um candeeiro aceso. O fato surpreendeu-me. Porém, a surpresa foi maior quando senti que o ar estava inteiramente escuro, parecendo cheio de fumaça. Olhei para um lado e para outro, à procura de onde saíam aquelas nuvens azuladas, - e nessa hora fui despertada por um cheiro a queimado. Ouvi um estalido. Vi uma porta entreaberta - a porta do quarto de Mr. Rochester. E dali, em rodas, se elevavam novelos de fumo. Não pensei mais na senhora Fairfax, nem em Grace Poole e na sua risada: num arranco, achei-me dentro do quarto. Línguas de fogo sitiavam a cama: os cortinados ardiavam. E no meio das chamas e da fumaça, jazia Mr. Rochester, hirto num sono profundo. - Acorde! Acorde! - bradei. (BRONTÉ, 2008, p. 94).

No decorrer de toda a história Bertha fica conhecida como a -louca do sótão II. Ela não tem o direito de se manifestar ou expor o seu ponto de vista acerca do seu aprisionamento. Nos momentos nos quais surge na história, seus comportamentos são comparados aos de um animal selvagem:

57

- Cuidado! - Gritou Grace. Os três homens recuaram ao mesmo tempo. O Sr. Rochester me puxou para trás de si. A louca deu um salto e o apertou pelo pescoço, aproximando os dentes de seu rosto. Eles lutaram. Ela era uma mulher alta, quase da estatura do marido, além de corpulenta. Exibia uma força de homem durante a luta. [...]. Acabou por imobilizar-lhe os braços. Grace Poole lhe passou então uma corda e ele amarrou seus braços atrás das costas. Em seguida, com ajuda de mais corda, atou-a uma cadeira. Toda a operação se desenrolou em meio aos gritos mais agudos e arrancos convulsos. O Sr. Rochester virou-se então para os espectadores. Olhou-os com um sorriso a um só tempo mordaz e desolado. - Isto aqui é minha esposa - disse. (BRONTÉ, 2008, p. 342).

Portanto, Bertha possui sua imagem formada em torno de uma mulher com violentos comportamentos, o que diante da sociedade vitoriana consistia em algo fora dos padrões. Para contê-la, Rochester a deixava presa num quarto sob os cuidados de uma criada.

Outro ponto de relevância é que, ao apresentar sua mulher para as pessoas, Rochester utiliza a frase -Eis a minha esposa II, um -Eis II que repassa a noção de inferiorização ou de posse. Conforme ele, Bertha configurava-se como uma coisa ou um objeto ou qualquer que deveria ficar devidamente escondida:

Eis a minha esposa - disse. - Esse é o único abraço conjugal com que eu tenho conhecido, esses são os carinhos que têm consolado as

minhas horas de repouso! E isto foi o que eu quis obter, [...] esta jovem que se mantém tão serena e grave na boca do inferno, olhando, senhora de si, para os arreganhos do demônio. Eu a quis justamente como um contraste com este horror. Woode Briggs, olhem a diferença! Comparem estes claros olhos com aquelas bolas vermelhas dali. Esta face com aquela máscara. Esta forma com aquela massa. E julguem-me, padre do Evangelho e o homem da Lei, e lembrem-se de que, pelo julgamento que fizerem, serão julgados! Agora, saiam. Vou libertar a minha presa (BRONTË, 2008, p.183)

Destarte, Bertha não é considerada como um ser humano, porém como um animal que deveria ser preso, para que os demais não soubessem que ela existia. Para Bonnici (2007), a objetivação é a maneira pela qual a pessoa ou um conjunto de pessoas é tratado por outros

como objeto. Ela é uma prática própria da ideologia colonial e patriarcal, em tratar o semelhante, que se distingue através da etnia, raça, gênero ou religião, como inferior.

Portanto, Bertha passa a ser um objeto para Rochester. Ao prendê-la no sótão e lhe conceder o atributo de -louca do sótão, Rochester conseguir usufruir de toda a fortuna, sem necessitar apresentá-la à sociedade, deixando-se sob os cuidados de Grace Poole, para que a cuidasse e vigiasse; sendo assim, ele viajaria com liberdade para conhecer o mundo.

Ao pôr fogo na mansão, Bertha não apenas se livra da vida de prisioneira, como também dá sua resposta a Rochester em razão de todo o desprezo que vinha sofrendo. Bonnici (2000, p. 24) pontua: "O incêndio da mansão mostra a resposta da mulher _colonizada' diante da arrogância e do domínio europeu".

À vista disso, o incêndio na mansão caracteriza não somente a ruptura das amarras que prendiam Rochester e Bertha e a sua vida em aprisionamento, porém uma maneira também de mostrar que, no fim, Bertha tomou para si o controle da situação, optando pelo óbito como saída. Depois de ter vivido uma vida inteira enclausurada em um quarto, ela agora está livre para decidir acerca do seu destino, isto é, ela escolhe por morrer no meio das chamas como uma maneira de se rebelar contra os preceitos patriarcais, representados aqui por Rochester.

Sendo assim, Jane e Bertha constituem duas mulheres que não possuem escolha; seus desejos não são escutados. Desta forma, Brontë mostra em *Jane Eyre* a história da mulher na sociedade vitoriana, a crítica à função da mulher na sociedade patriarcal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir ainda que no decorrer do romance, as personagens femininas possuem lugares diversos dentro da sociedade na qual a autora escreve. Já com a personagem Miss Temple, é possível entender que *Jane Eyre* é uma obra que retrata um modelo de mulher a ser seguido por suas pupilas, uma vez que é educadora e independente.

Contudo, ao casar-se, ela acaba cedendo às normas impostas pela sociedade da época, sociedade esta na qual o casamento estava na primeira esfera da vida das mulheres. Abandona o seu emprego, deixando na personagem Jane o sentimento de que nenhuma mulher está aquém de seu destino. Helen Burns e St. John Rivers constituem personagens bem parecidos, tendo em vista que os dois introduzem o tema religião dentro da história.

Fora isso, os dois possuem um sentimento de penitência, creem que devem abdicar de suas vontades para viver uma vida focada em Deus. A distinção entre os dois é somente como cada um se porta diante dos outros. Helen aceita tudo que lhe é imposto, enquanto St. John se impõe aos outros. Quanto aos personagens masculinos, Rochester se mostra um homem idealizado pela sociedade, haja vista que começa o romance sendo poderoso, rude, com posses e forte. Contudo, durante a história passa a ser um personagem sentimental e dependente.

Portanto, ele trata-se de um personagem que passa por transformações no decorrer da obra, passando a ser, no final do romance, o oposto do que apregoava a sociedade patriarcal da época para um homem. Pode-se então concluir também que todos os personagens em análise colaboram para a formação da identidade da personagem principal sendo modelos negativos ou positivos que norteiam o que ela deve seguir ou não.

Fora isso, percebe-se uma crítica da autora para com a sociedade vitoriana bem como uma denúncia da situação da mulher dentro desta mesma sociedade. Em pleno século XIX, Charlotte Brontë mostrou coragem suficiente para escrever acerca de um tema tão polêmico quanto este e pode-se dizer que com a obra em comento ela tentou fazer com que suas críticas fossem difundidas pelos lares da Inglaterra. De certa maneira, Jane Eyre configurou-se como um símbolo do feminismo no decorrer de gerações e possivelmente tenha estimulado

mulheres de diversas épocas e distintas gerações a reivindicarem seus direitos mediante a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá, Eduem, 2007.

BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. Trad. Valdemar Rodrigues de Oliveira. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.

BRONTË, Charlotte; SANTARRITA, Marcos (Trad.). *Jane Eyre*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S/A, 1983.

DUARTE, Constância Lima. -O cânone literário e a autoria feminina II. In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Gêneros e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

DULONG, Claude. -Da conversação à criação II. In: DUBY, George; PERROT, Michelle (Dir). *História das mulheres no Ocidente*. Vol. 3. Roma-Bari: Afrontamento, 1991.

FELSKI, Rita. *Literature After Feminism*. 1st ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

GEASON, Susan. *Regarding Jane Eyre*. New South Wales: Vintage, 1997.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. *The Madwoman in the Attic: The Woman*

Writer and the Nineteenth-century Literary Imagination. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1978.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

LIMA, Danielle Dayse Marques de. *Jane Eyre: Drama e Tragédia no Romance de Charlotte Brontë*. 2008, 347 f. Dissertação de Mestrado - PPGL/UFPB, João Pessoa, 2008.

RAPHAEL, Beverly. -Passion and Womanhood II. In: GEASON, Susan (Org.). *Regarding Jane Eyre*. New South Wales: Vintage, 1997.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WOOLF, Virginia. *Um Teto Todo Seu*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.

XAVIER, Elódia. *Tudo no Feminino: a mulher e a narrativa brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

Recebido em: 01/2021

Aprovado em: 03/2021

